

IN NATURA: RELAÇÕES MÍTICO-SIMBÓLICAS A PARTIR DE UM PROCESSO DE CRIAÇÃO EM VIDEOPERFORMANCE

Andreane Lima e Silva (Universidade Federal de Goiás - UFG)¹

RESUMO

Este trabalho propõe analisar o processo de criação da vídeoperformance *In natura* (2020), que foi desenvolvido dentro da disciplina de mestrado Mito e Imaginário nas Artes da Cena, ministrada pelo Professor Dr. Alexandre Silva Nunes do Programa de Pós-graduação em Artes da Cena da Universidade Federal de Goiás. Trata-se de um exercício performático cujo percurso teórico e conceitual abarca as teorias e discussões acerca do deus Pã, estabelecidas por James Hillman no seu livro “Pã e o pesadelo”, e como estas se articulam através da prática vídeoperfomática. As manifestações artísticas desta ordem se abrem a uma maior riqueza de símbolos, manifestas tanto em imagens quanto em narrativas, mitos e rituais, que se associam entre si e vão se constituindo como matéria de criação. Neste sentido há de minha parte uma necessidade de mergulhar nas imagens, além de teorizar sobre elas.

PALAVRAS-CHAVE

Mito; imaginário; pandemia; natureza; Pã.

ABSTRACT

This work proposes to analyze the creation process of the video performance *Innatura* (2020), which was developed within the Master's course Myth and Imaginary in the Performing Arts, taught by teacherDr. Alexandre Silva Nunes of the Postgraduate Program in Performing Arts of the Federal University of Goiás. This is a performative exercise whose theoretical and conceptual path encompasses the theories and discussions about the god Pã, established by James Hillman in his book “Pãandthe nightmare”, and how these are articulated through practice theatrical. The artistic manifestations of this order have a great wealth of symbols, both in images and in stories, myths and rituals, which are associated with each other and are gradually

¹ Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena; UFG; Mestrando; Alexandre Silva Nunes. Professor, ator, dramaturgo e performer.

constituted as a matter of creation. In this sense, there is, on my part, a need to dive into the images, in addition to theorizing about them.

KEYWORDS

Myth; imaginary; pandemic; nature; Pã.

Em março de 2020 iniciei meus estudos, como aluno regular do mestrado, na disciplina "Mito e Imaginário", ministrada pelo Prof. Dr. Alexandre Silva Nunes, dentro do Programa de Pós-graduação em Artes da Cena da Universidade Federal de Goiás. Posteriormente, com o impacto da pandemia do novo coronavírus, desencadeado nesse mesmo ano, as aulas nesta instituição pública de ensino foram temporariamente suspensas. Somente em agosto de 2020, as atividades acadêmicas foram retomadas de modo remoto, seguindo os protocolos de segurança recomendados pela Organização Mundial de Saúde como medidas de prevenção à pandemia.

Foi nesse contexto desgastante de consequentes adaptações para situações educacionais virtuais de ensino à distância que se deu o exercício de criação deste artigo científico acerca do imaginário e do mito; a partir do contato com as obras: "A Imaginação Simbólica" do professor Gilbert Durand (1999); "O Espírito na Arte e na Ciência" de Carl Gustav Jung (1922); "Pã e o pesadelo" de James Hillman (2015); "Hermes e seus filhos" de Lopes Pedraza (1999); além dos devaneios poéticos do filósofo Gaston Bachelard (1988) e em representações simbólicas e mítico-gregas diversas da figura do bode.

Todo esse percurso teórico e contextual convergiu na criação da vídeoperformance intitulada *In natura* (2020), onde proponho investigar as relações entre: pandemia, natureza e Pã. O título em questão faz referência à locução latina que significa "na natureza, da mesma natureza", e foi pensado tendo em vista a ideia de Pã, proposta por James Hillman (2015) no livro "Pã e o Pesadelo", onde o autor expõe as diferentes formas de manifestação dessa figura mitológica e sua estreita ligação com o mundo natural que conhecemos.

Quem é Pã? Para trazer um pouco de luz sobre esta questão, irei recorrer aqui às diversas narrativas míticas que se constelam ao redor deste deus, para podermos estabelecer uma paisagem sobre ele, sem querer reduzi-lo a um conceito racional e simplista de um parágrafo. Só dá para a gente se aproximar desta realidade de forma

mitopoética e imaginal, circulando por entre as narrativas, pois são elas que vão nos dar uma aproximação mais acertada dessa imagem.

Segundo a mitologia grega, Pã era filho de Hermes com a ninfa Dríope, porém em muitos relatos sua paternidade é atribuída a Cronos ou a Zeus. Dizem os mitos que, quando ele nasceu, era tão feio, que a própria mãe fugiu, rejeitando o filho; Hermes, então, o teria levado ao Olímpo para apresentá-lo aos deuses. Em uma das passagens do Hino Homérico a Pã há uma referência a esse acontecimento: de acordo com a narrativa, após ser conduzido ao Olímpo, na época do seu nascimento, pelo seu pai Hermes, todos os deuses ficaram encantados com Pã, principalmente Dioniso - o mais encantado dentre todos. O fato de ter sido concebido por Hermes enfatiza o elemento de conexão com esse deus, que tem como uma das características principais a comunicação, a palavra e a relação entre. Por outro lado, Pã também se aproxima muito fortemente de Dioniso, por ser um deus movido por forças incontroláveis e pela pulsão sexual².

Vamos nos aproximar aos poucos de Pã para conhecê-lo melhor, sem, no entanto, a pretensão de categorizá-lo. Para tanto, invoco aqui os versos do Hino Homérico à Pã como uma espécie de canto de anúncio, deixando que as imagens poéticas desse mito possam se revelar:

Fala-me, Musa, do querido filho de Hermes,
de pés de bode, dois chifres, amante do ruído e que, pelos campos
cheio de árvores, anda para lá e para cá com as ninfas habituadas a
dançar,
que pisam o alto da rocha escarpada
invocando Pã, o deus pastor de cabeleira brilhante
e descuidada, a quem foram destinados os picos cobertos de neve,
o cume das montanhas e os caminhos pedregosos. (RIBEIRO JR.,
2010, p. 498).

As palavras são imagens, metáforas ricas de experiências que contam sobre os restos mortais de um mito. Neste sentido, podemos analisar etimologicamente a partícula morfológica “pan” numa perspectiva do imaginário, a fim de dar vida às narrativas que estão adormecidas nas palavras, estabelecendo conexões mitológicas no interior destas. Etimologicamente, o radical “pan” serve para falar de algo amplo e polivalente, que está em todos os lugares ao mesmo tempo. Essa pluralidade pode estar relacionada à origem do deus Pã, pelo fato dele ter diversas filiações: numa determinada

²Vale lembrar também que Dioniso é conhecido na mitologia grega como deus da insanidade, dos ritos religiosos, do vinho, além de servir como grande metáfora para o teatro.

narrativa mítica ele é filho de Zeus, em outra, filho de Hermes, e em outro momento filho de Apolo.

Segundo o dicionário *online* de português, o radical “pan” é definido como sendo: “Elemento de composição de palavras, de origem grega, que traz consigo a ideia de “todo, por inteiro”. Este mesmo sentido pode ser visto igualmente em outros termos como, por exemplo: pansexual e pandemônio. Outra expressão que também tem origem em Pã é a palavra pandemia, cujo radical é empregado para tratar de algo amplo, que aparece ao mesmo tempo em vários lugares.

Pã é tido como o deus dos bosques, dos campos, dos rebanhos, dos pastores e das cavernas, associado à natureza, aos instintos e ao primitivo, geralmente personificado como a figura de um deus plural, híbrido (humano e bode), peludo, com chifres e cascos, que comporta ao mesmo tempo, como experiência humana, os princípios de proteção e destruição. Do mesmo modo, é classificado como um deus ctônico (do mundo terreno), em oposição às divindades olímpicas, como Zeus, Apolo e Atena

Sua morada principal são as grutas e cavernas; ou seja, Pã não é visto como o deus da civilização, dos templos e da ordem, pelo contrário, é um deus selvagem, instável e instintivo. Este lugar onde Pã é encontrado (mundo subterrâneo) pode estar ligado à ideia de um *locus* psicológico, onde residem nossos instintos e nossos desejos mais inconfessáveis. É por esse motivo que um dos aspectos centrais relacionados a essa figura mitológica é o da sexualidade, devido a sua natureza fálica e sátira.

Entretanto é preciso ter cuidado para não reduzirmos o mito de Pã a uma espécie de substrato relativo à sexualidade ou um complexo patológico. Pois, conforme esclarece Hillman, estas mitologias se manifestam na psique, no sonho, ou na própria poesia, através de personificações que falam por si, sem a necessidade de uma tradução:

Nesse caso nós daríamos conta, mais uma vez, de que não somos a fonte dos deuses personificados. Nós não os inventamos mais do que não inventamos os sons que ouvimos nos bosques, nem as pegadas na areia, nem a pressão do pesadelo pesando em nosso peito. (HILLMAN, 2015, p. 40).

Segundo o autor, Pã não deve ser encarado como um epifenômeno do desejo sexual. Na verdade todos os efeitos físicos e psicológicos que se manifestam na consciência humana têm por base uma epifania que se realiza na experiência mística direta do imaginário. Assim sendo, os deuses não são uma invenção, consciente ou

inconsciente, do ser humano, tanto quanto não inventamos os sons, os pesadelos e outros fenômenos, mas é que estas epifanias se apresentam para nossa consciência dessa forma.

De fato, Hillman se refere a essas figuras míticas como personificações, com o objetivo de revalorizar a perspectiva mitológica que foi perdida há muito tempo. Para tanto, ele não poderia pretender uma redução desse pensamento a uma base conceitual ou a um discurso racionalista, que utiliza a perspectiva da interpretação para substituir os deuses por um conceito equivalente em termos racionais. Ao invés disso, seus textos apresentam uma linguagem abertamente metafórica e poética, aproximando-se, muitas vezes, de uma perspectiva animista.

A palavra pânico, por sua vez, também tem origem em Pã – como sendo um estado físico e emocional causado por uma experiência desesperadora, a qual pode estar relacionada com algum aspecto psicológico do indivíduo (síndrome do pânico). Na mitologia grega o deus Pã provocava, com seu aparecimento, horror nos pastores e camponeses, com os seus chifres de aspecto monstruoso e assustador. Talvez, justamente por esse motivo, na tradição judaico-cristã, Pã foi reduzido indevidamente à figura do diabo.

As primeiras experiências de pânico do homem certamente foram diante de fenômenos que evidenciavam a força da natureza – tempestades, trovões, fogo. Atualmente esta atmosfera do medo é experimentada pelo ser humano através da síndrome do pânico, definida pela psicologia moderna como uma emoção forte que foge ao controle da razão, causando uma reação descontrolada, que é por isso classificada como um distúrbio da mente.

Percorrer estes labirintos da alma, adentrar o inconsciente, acessar nossos conteúdos sombrios por vezes nos causa uma sensação de medo, pânico, frente ao desconhecido. Entretanto, conforme nos alerta Hillman, se, por medo, negligenciamos a nossa alma ou a nossa natureza, isso nos levará à paralisia, ou até a desenvolver o pânico como sintoma. Pois aquilo que normalmente consideramos uma patologia (manifestada na forma de uma disfunção psíquica: neurose, desequilíbrio ou distúrbio) pode ser uma resposta da alma a algo que estamos perdemos de vista, seja por uma repressão cultural ou por um processo de recalque. Lembrando que o medo é uma das expressões humanas mais antigas e fundamentais da condição humana, responsável pela longevidade da nossa espécie.

(...) onde há pânico, há também Pã. Quando a alma entra em contato, como na história do suicídio de Psique, Pã revela a si mesmo como a sabedoria da natureza. Ser destemido, desprovido de ansiedade, de pavor, inacessível ao pânico, significaria a perda do instinto, uma perda de relação com Pã. (HILLMAN, 2015, p. 58).

Todas estas características são importantes para compreender Pã tal qual ele se apresenta, por que elas nos trazem imagens de referência para nossa imaginação. São como pistas que nos possibilitam entender a relação entre o homem e a natureza, tanto a natureza externa como a natureza interna (uma remete a paisagem natural que nos envolve e a outra a nossa natureza instintiva) e como lidamos de modo equivocado com estes elementos. Como fica claro no fragmento abaixo:

Para compreender Pã enquanto natureza, devemos, primeiramente, ser compreendidos pela natureza tanto "fora de nós", da paisagem campestre inabitada que nos fala em sons e não em palavras, quanto por aquela natureza "dentro de nós", da reação impulsiva) (HILLMAN, 2015, p. 39).

Essa relação homem-natureza tem se tornado cada vez mais corrompida, mediada pela objetificação e pelas relações econômicas. Desde Descartes, o homem passou a enxergar o mundo natural como um mecanismo a ser dominado, controlado, estudado, conquistado, em prol de um pretenso saber científico. Diante dessa cultura positivista, Pã não tem mais lugar de expressão e sua existência é negada todo tempo pelo pensamento filosófico ocidental, desprovido de imagens. Resta-nos, portanto, retornar ao instinto primitivo, o retorno da natureza recalçada, "isto é, nos tornando totalmente físicos e possuídos por Pã, urrando pedindo por luz, conforto, contato." (HILLMAN, 2015, p.45) Pois quanto mais perdemos contato com a vida, com os deuses, mais nos deixamos entregues à ira de Pã, ou subjugados a ele.

Isso tudo nos leva a pensar: Quais as consequências disto para a nossa sociedade? A pandemia pode ser entendida, simbolicamente, como uma reação contra a forma que lidamos com o meio ambiente. Não dá para mantermos uma relação distanciada com a vida, onde as coisas não tem significado algum. A ideia da morte de Pã talvez possa ser explicada pela perda de significado da natureza para o ser humano: enquanto esta era selvagem, Pã tinha sentido de existir; quando o ecossistema se torna mercadoria e é domesticado, subjugado pelo homem, essa conexão com a vida se perde e a natureza então perde seu mistério:

Uma vez que Pã está morto, a natureza pode ser controlada pela vontade do novo deus, o homem, modelado à semelhança de Prometeu ou Hércules, que pode criar a partir dela e contaminá-la inescrupulosamente. [...] A medida que o ser humano perde contato pessoal com a natureza e os instintos personificados, a imagem de Pã e a imagem do Diabo se confundem. Pã nunca morreu, observam muitos comentadores de Plutarco, ele foi recalçado. (HILLMAN, 2015, p. 44 e 45).

O processo criativo que originou a escrita deste trabalho foi baseado em experiências pessoais sentidas/vividas durante o ano de 2020, o qual foi marcado pela propagação do coronavírus e pela imersão forçada, que obrigou muitas pessoas a se isolarem em casa durante a quarentena, acompanhados de perto por Pã. Neste período pandêmico, que durou cerca de nove meses, eu pude experimentar um exercício de autoconhecimento através de estados de solitude, povoado por inúmeras imagens visuais e míticas. Foi então que surgiu o mote para a criação da videoperformance *In Natura*, através de associações simbólicas e divagações acerca das mitologias contemporâneas em tempos de pandemia.

Desde que começaram as primeiras medidas restritivas, em março de 2020, eu nunca mais cortei os cabelos assim como os demais pelos do meu corpo. Durante todo esse tempo, eles começaram a crescer, naturalmente, sem nenhum tipo de interferência externa. Dessa forma, minha imagem no espelho se tornou uma metáfora viva e remissiva desta experiência de isolamento, carregada de simbologias e mitos pessoais. E toda vez que eu olho para os meus cabelos compridos, me vem à memória esse tempo de reclusão em que estou em casa e, conseqüentemente, todos os acontecimentos e histórias registradas na materialidade orgânica desse corpo ao natural (o corpo como tempo e como memória).

Todo este percurso contextual se transmutou, no decorrer do processo de criação, em imagens, formas e memórias, reverberadas através de um corpo que dança com os cabelos no espaço. Vale ressaltar, no entanto, que a palavra natureza é empregada aqui compreendendo o aspecto humano dela: meu corpo biológico, representado através dos cabelos que nascem espontaneamente. Ao abordar este assunto, minha intenção é falar daquilo que é natural dentro de cada um de nós, nossos impulsos e desejos, bem como a aceitação do próprio corpo, ainda que ele não se encaixe na dita “norma padrão social”.

Eu queria, ao mesmo tempo, que as imagens remetesse para vários caminhos, abrindo as portas da interpretação, de modo que cada pessoa pudesse compreender do seu jeito. Então eu pensei em uma narrativa que não fosse linear, e simplesmente me

permiti expressar o que a intuição me trouxe, aproximando-me do que Jung chamou de *modo visionário de criação*. O modo visionário se revela em obras artísticas que não estão subjugadas a nenhuma estrutura pré-estabelecida. Estas obras estão em diálogo direto com o simbólico e trazem aspectos de uma criação poética, a qual não se submete totalmente a consciência e as intenções do artista; algo que está muito além da nossa compreensão.

O interessante da videoperformance é que ela tem aberturas de significação, exatamente por não ter uma narrativa clara ou linear, abrindo-se para outras interpretações. É claro que as imagens guiam o olhar do espectador para um tipo de leitura possível, de acordo com os elementos que estão sendo apresentados e conforme o direcionamento dado pelo olhar do performer. Porém a leitura não é totalmente fechada, pois, na linguagem simbólica, a polissemia está sempre presente. Quanto mais direta for uma obra, menos possibilidades de interpretação ela permite; menos possibilidades de polissemia ele proporcionará.

O vídeo *In natura* tem cerca de 5 minutos de duração e traz do início ao fim a imagem de meu corpo, enquadrado em primeiro plano frontal, de modo a exibir apenas a parte superior do tronco (ombros e cabeça). Não há a presença de nenhuma palavra, mas a música exerce influência forte na narrativa, conduzindo a sequência de imagens e sensações (Neste momento eu me pergunto se, por um acaso, a presença constante da música e da dança no resultado final do trabalho não teria sido despertada pelo som da doce flauta de Pã?). Ao longo das cenas, há momentos em que o meu corpo dança com os cabelos, puxando-os de um lado para outro e desarrumando-os, como reflexos do medo que eu sentia da morte, da ansiedade e dos demônios que me atravessaram inevitavelmente neste contexto de pandemia.



Imagem 1: Performance *In natura*

Fonte: imagem própria do autor

A coreografia contém uma sensualidade ostensiva: desde a expressividade do cabelo, a barba, o corpo nu, o olhar, as mãos, o foco da câmera, enfim... tudo conduz para uma experiência orgástica, que se antagoniza com a ideia de morte. Em outro momento do vídeo vemos o close de uma boca mastigando os cabelos e, então, Pã se revela mais fortemente através do desejo sexual (língua), trazendo também certo incômodo e sensação de sufocamento, ou até mesmo o espectro da loucura que desalinha e desorganiza as estruturas sociais.

Quando assisti o resultado final da videoperformance pela primeira vez, percebi de imediato essa latência sexual, a qual não havia sido previamente planejada. Na verdade, muitos elementos durante o processo não foram premeditados, mas eram construídos, organizados e incorporados pouco a pouco, à medida que iam surgindo. A própria edição foi feita em função do material que eu tinha, tudo acontecendo espontaneamente e de uma forma muito intuitiva. Essa interferência da intuição no campo criativo pode conferir um caráter transpessoal para a obra de arte, ou seja, algo que passa pelo artista, mas não se origina diretamente e a partir dele.



Imagem 2: Performance *In natura*

Fonte: imagem própria do autor

De fato, a sexualidade é um símbolo de referência importante da nossa condição humana, daquilo que não podemos controlar, porém essa não é a única leitura possível: comer o cabelo pode significar comer a si mesmo, comer a sua própria natureza. Outra

relação inevitável que o cabelo sugere é o tema da força, do poder e da virilidade, aspectos muito explorados pela religião. Assim, na Bíblia, Sansão perde sua força quando corta suas madeixas, da mesma forma que as bruxas tinham seus cabelos raspados como uma tentativa de anular sua magia.

Na sequência da videoperformance, a câmera mostra os meus cabelos sendo arrancados por uma pinça; ação que realizei tendo em mente a noção de autopunição/repressão experimentada por mim, particularmente, em determinados momentos da infância. Com sete anos de idade eu me descobri homossexual e descobri da pior maneira possível o preconceito que a sociedade dispõe contra toda forma de sexualidade que contrarie o modelo heteronormativo. Isso fez com que eu me fechasse para as mudanças do meu corpo e lutasse contra a minha própria natureza, por vê-la como uma experiência ruim e indesejável.



Imagem 3: Performance *In natura*

Fonte: imagem própria do autor

Ao longo do tempo, fui tendo que me adequar a essa “norma” e criar estratégias de sobrevivência para conseguir me encaixar na sociedade. Percebo que a escola, a família e a religião em geral cumprem esse papel de criar amarras sociais, sempre ditando o que é certo e o que é errado e como a criança deve ser quando crescer. Acredito que, na medida em que nos relacionamos com o universo mitopoético que nos acompanha, conseguimos dar sentido para essas questões, localizá-las e lidar com elas.

Neste sentido o contato com Pã pode ser bastante desvelador, pois propicia uma conexão pessoal com alguns significados internos que precisam ser visto pela consciência do indivíduo. Assim, ao me reconectar com a sexualidade de Pã, em busca

de uma maior intimidade com os meus estados psíquicos, desejos, mitos e conhecimentos, permiti-me relacionar de uma maneira menos reprimida e mais imaginal com os meus impulsos, medos e tudo o que eles acarretam.

Continuando a sequência de ações da videoperformance, logo depois apareço tomando banho, num plano fechado, de modo a revelar a água escorrendo sobre os meus cabelos e rosto. Esta ação em particular traz um significado especial para mim: pois o ato de me limpar sempre me transmitiu a sensação de alívio das dores, uma alternativa que eu encontrei durante este período de quarentena para afastar os medos e incertezas que me invadem os pensamentos.

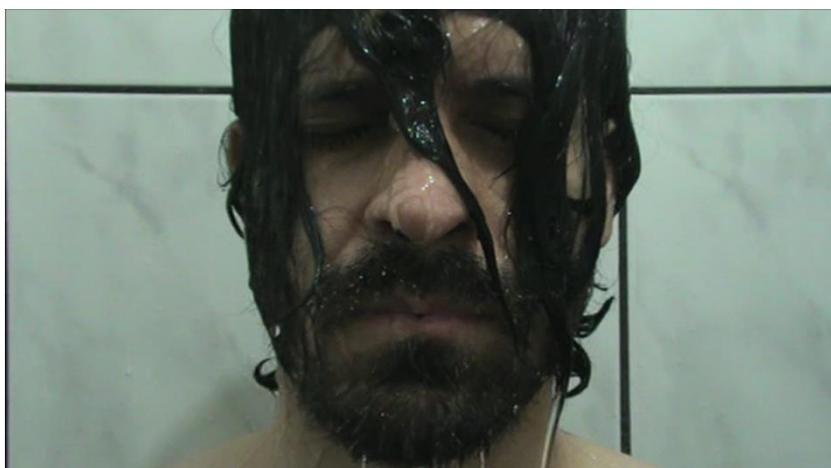


Imagem 4: Performance *In natura*

Fonte: imagem própria do autor

Após isso, há um corte para outra cena que mostra os cabelos no ralo do banheiro, evidenciando o sentimento de nojo ou repulsa que este elemento desperta. Porém estes dejetos, que foram incondicionalmente recusados, não são completamente esquecidos e insistem em permanecer na superfície, guardados em algum lugar do nosso inconsciente. Novamente recorro ao pensamento de Hillman para demonstrar como os desejos sexuais e os instintos da selvageria humana, tal como o ato da masturbação e o estupro (os quais têm Pã como criador), são temas recorrentes na mitologia grega e o quanto estas experiências também necessitam de espaço para se expressarem, sem medo ou vergonha:

A natureza de Pã não é um presente idílico para os olhos, algo que se possa passar batido, ou junto ao qual aguardar o retorno da candura. A natureza como Pã é quente e íntima, é o odor de sua pelugem

animal, de sua ereção, como se a força desobediente e arbitrária da natureza e o sinistro mistério estivessem sintetizados nesta única figura. (HILLMAN, 2015, p. 37).

Finalizo a performance, retomando o enquadramento inicial do vídeo (representação da cabeça e da parte superior do tronco), mas, dessa vez, eu apareço penteando os cabelos molhados enquanto olho diretamente para câmera, que é ao mesmo tempo espelho e o próprio espectador. Neste momento, meu olhar fixo assume um tom desafiador e guarda uma pergunta: “O que é o ser humano?” “Somos fruto da natureza (daquilo que é próprio de nós mesmos) ou resultado das nossas relações culturais e sociais?”.

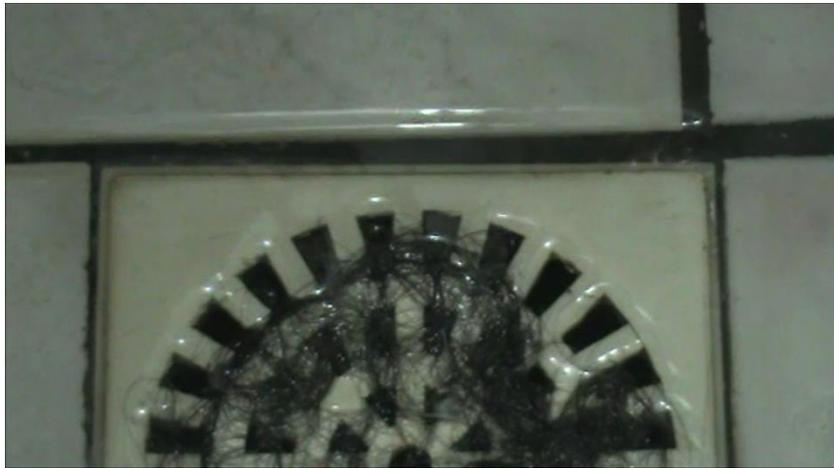


Imagem 5: Performance *In natura*

Fonte: imagem própria do autor



Imagem 6: Performance *In natura*

Fonte: imagem própria do autor

Como contraponto à natureza espontânea, eu introduzo a imagem do pente e da pinça a fim de questionar as formas criadas pela sociedade para disciplinar, controlar e *embelezar* a natureza humana. Então eu redimensiono esta discussão do cabelo, transformando-o também em um símbolo de resistência. Desde a década de 70, com o movimento hippie e a contracultura, o cabelo carrega um significado de enfrentamento ao sistema político e de contestação às tradições vigentes. Durante muito tempo, por exemplo, a ideia de um homem cabeludo era vista como um sinal de conduta questionável e os rapazes que desafiavam a ordem social eram tratados como vagabundos e afeminados.

Atualmente, no Brasil, estamos passando por um momento de retração democrática, marcada pela perseguição aos grupos minoritários, à liberdade de expressão e aos direitos sociais; tudo isso num momento em que as mortes por COVID-19 vêm crescendo consideravelmente. São tempos difíceis, certamente; de muita animosidade, solidão e medo em face do futuro. Diante disso, nada mais oportuno do que darmos vazão às narrativas de Pã, ou pelo menos a alguns de seus aspectos, a fim de vivenciar um retorno às grutas e cavernas da alma.

Pã é a nossa natureza íntima, é libertação, podemos reconhecê-lo através das suas diferentes formas de manifestação e organização no mundo natural. Dessa forma podemos supor que “Pã está vivo”, pois sua imagem continua viva em nossa psique através de sua multiplicidade de narrativas. Apesar desta polivalência e dos inúmeros pontos de vista acerca de Pã, cada uma destas histórias nos ajuda a mapear o imaginário do fenômeno mitológico como um todo.

Os estudos da arqueologia do imaginário propõem um retorno à Grécia e ao modo de operar do pensamento mitológico. A caixa de pandora foi reaberta e agora só podemos esperar que Hermes, deus da relação, da ligação, o vinculador possa nos reconectar com Pã a partir dessas perspectivas epistemológicas da ciência moderna. A escolha por esta figura mitológica como aporte poético para este trabalho, possibilitou a realização da videoperformance *In natura*, anteriormente descrita, e de igual modo permitiu uma incursão acerca dos conceitos de imagem, símbolo e mito relacionados à prática de criação artística.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes. 1988.
- DURAND, Gilbert. **O Imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução de Renée EveLevié. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.
- _____. **A imaginação simbólica**. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1999.
- HILLMAN, James. **Pã e o pesadelo**. Tradução Carla C. Pilon, Daniel F. Yago. São Paulo: Paulus, 2015.
- JUNG, Carl Gustav. **O Espírito na Arte e na Ciência**. Zurique: Sociedade de Língua e Literatura Alemãs, 1922.
- LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Hermes e seus filhos**. São Paulo: Paulus, 1999.
- NUNES, Alexandre Silva. **Ator, sator, satori**: labor e torpor na arte de personificar. Goiânia: Editora UFG, 2012.
- NUNES, Alexandre Silva; FABRINI, Verônica; LYRA, Luciana. **Mito e Teatro**. In: *Tempos de Memória: Vestígios, Ressonâncias e Mutações*. 1ª ed. Porto Alegre: ABRACE/AGE, 2012b, v. 1, p. 163-173.
- RIBEIRO JR., Wilson A. (Ed.) **Hinos homéricos**: tradução, notas e estudo. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. 498 - 505 p.